Prefácio

Não há um *ranking* oficial de "país mais poderoso do mundo", mas, por volta de 1895, os Estados Unidos tinham claramente ultrapassado os outros. Na época, pouca gente reconhecia isso. Em 1899, os funcionários do governo britânico ficaram apenas incomodados quando perceberam que teriam de financiar a sua Guerra dos Bôeres* nos Estados Unidos. Entretanto, pouco mais de uma década mais tarde, os britânicos quase entraram em pânico com a possibilidade de que os Estados Unidos apoiassem a Alemanha com seu poder financeiro.

Os Estados Unidos tinham a maior população entre as nações industrializadas e eram o país mais rico sob todos os critérios – renda *per capita*, disponibilidade de recursos naturais, produção industrial, valor das terras produtivas e fábricas. O país dominava os mercados mundiais – além de aço e petróleo, também trigo e algodão. Tinha um grande excedente na produção de bens e ganhava destaque e importância nos serviços financeiros. Seu povo era o que tinha mais mobilidade, era o mais produtivo, o mais inventivo e, em média, o mais bem-educado. Os americanos não tinham muito a dizer a seu favor na literatura e nas artes, mas essa hora chegaria. Tampouco tinham o maior exército, e nem de longe a maior marinha, mas ninguém com alguma inteligência duvidava que essas deficiências podiam ser remediadas com apenas alguns anos de atenção.

As sofisticadas elites européias ficaram chocadas quando começaram a compreender a escala e a velocidade da ascensão americana. Cerca de três décadas antes, os Estados Unidos ainda estavam divididos por uma sangrenta guerra civil e ganhavam a vida com a exportação de algodão cru, grãos e madeira em troca do excedente das manufaturas européias. O ritmo do crescimento americano foi o mais rápido da história, pelo menos até que os países da região do Pacífico iniciassem sua corrida em direção à luz do sol um século mais tarde.

---

* A Primeira Guerra dos Bôeres (1880-1881) e a Segunda Guerra dos Bôeres (1899-1902) foram travadas entre os britânicos e os colonos de origem holandesa, francesa e alemã na África do Sul. Tratou-se de um conflito que visava a cessar o processo de independência das colônias, e daí a comparação. (N.E.)

Os magnatas é a história desse salto, contada, principalmente, sob a perspectiva de um punhado de homens extraordinários que estavam na vanguarda desse movimento. Mas enquanto "Grandes Homens" podem dominar épocas históricas, eles nunca são toda a história. Os Estados Unidos dos magnatas na verdade eram um país diferente dos outros. Portanto, as histórias são entremeadas com um relato das características dos Estados Unidos e de seu povo, que o transformaram em terreno tão fértil para a transição.

Nos últimos anos da Guerra Civil, Andrew Carnegie, John D. Rockefeller, Jay Gould e John Pierpont Morgan tinham cerca de trinta anos, todos nos primeiros degraus de suas carreiras. Em uma era de homens ricos e poderosos de dimensões fora do comum, não houve outros com papéis tão importantes em dar forma e direção ao rápido crescimento americano. Eles forçaram o ritmo, levaram a transição a escalas cada vez maiores e, para o bem e para o mal, impuseram marcas pessoais na economia nacional que persistiram por grande parte do século XX.

Eles eram pessoas bem diferentes. Carnegie, Rockefeller e Gould se aproveitaram do gosto nacional pela velocidade, da obsessão com "seguir em frente" e da tolerância com o experimentalismo para criar um dos mais puros laboratórios de destruição criativa* da história. A maioria dos homens de negócios da época acreditava em mercados organizados e lucros razoáveis, mas esses três chegaram para abalar as estruturas. Morgan era o regulador, sempre a favor de refrear a "concorrência nociva", sobretudo do tipo normalmente promovido pelos outros três.

A indústria siderúrgica americana estava se transformando em um cartel confortável quando Carnegie começou sua carreira arrasadora. Ele não era um homem de tecnologia, mas um hábil consumidor de invenção. Suas usinas sempre eram as maiores, as mais automatizadas e com maior enfoque na redução de preços. Ele tinha um mantra de negócios bastante simples: corte custos, aumente a participação, ganhe escala. Os lucros eram conseqüência.

---

* *Creative destruction*: termo cunhado pelo economista austríaco Joseph Schumpeter (1883-1950). (N.E.)

Gould era um *provocateur*, um mestre dos mercados de títulos públicos como nenhum outro antes, e como poucos depois dele, que sempre estava no ataque, estendendo, e muito, os limites do possível a novas alturas. A arena de Gould eram as ferrovias e o telégrafo, a infra-estrutura crítica do período. As ferrovias antes da Guerra Civil tinham se expandido com cautela e quase sempre com lucratividade, com o cuidado de se restringirem a seus territórios naturais e solucionando conflitos com cavalheirescas reuniões de um grupo restrito. Esses *pools* das ferrovias eram como os cartéis do aço para Carnegie – alvos parados à espera de um ataque.

Rockefeller talvez tenha sido o maior visionário e o administrador supremo: ele assumiu o controle dos mercados de petróleo mundiais com enorme rapidez e facilidade – antes mesmo que a maioria das pessoas percebesse e mesmo enquanto dava ao mundo sua primeira lição sobre o poder da distribuição em larga escala. Uma hoste de outras empresas seguiu sua liderança; uma década depois de Rockefeller vender seu querosene pela primeira vez no Extremo Oriente, os frigoríficos americanos tinham centros de distribuição na China e no Japão.

Morgan, a figura mais tradicional dos quatro, era o único americano em que os financistas estrangeiros confiavam. Após servir de mediador para os fluxos de capitais cruciais que sustentaram o ritmo extraordinário do investimento americano, ele se transmutou em uma protocomissão de valores mobiliários e até mesmo em um protobanco central, estabelecendo as regras para as finanças corporativas, exigindo contabilidade honesta, o fim dos ganhos ilícitos e um tratamento justo para os acionistas.

Carnegie, Rockefeller, Gould e Morgan teriam sido figuras dominantes em qualquer lugar, mas poucos lugares jamais foram tão abertos para pessoas de talento como os Estados Unidos pós-Guerra Civil; e, nos Estados Unidos, nenhum campo oferecia oportunidades tão ilimitadas quanto os negócios. A cultura manufatureira radicalmente diferente dos americanos, seu culto do empreendedor inovador, sua obsessão com "prosperar" mesmo por parte das pessoas comuns e seu entusiasmo pelo novo – a nova ferramenta, o novo produto de consumo – eram todos únicos.

A ascensão final das grandes empresas por volta da virada do século pode ser chamada de maneira apropriada de A Era de Morgan, que assegurou e exigiu controle no momento em que o grande crescimento americano começava visivelmente a perder energia. Na verdade, ele ajudou a desacelerá-lo. Com Gould morto e Carnegie de fora, depois que Morgan comprou o controle da U.S. Steel, tornou a impor uma versão cortês de mercados organizados e preços "administrados". A U.S. Steel foi o paradigma de uma grande onda de consolidações, muitas delas secretamente planejadas por Morgan.

As consolidações de Morgan representam tanto o ponto crucial quanto o fim da história. Foram necessários mais 75 anos e o ataque direto do Japão e de outros países para que as empresas americanas compreendessem até que ponto tinham vivido do capital legado pelos magnatas do século XIX, os pais fundadores do superpoder industrial americano.